

Feminismo e revolução

Théroigne de Méricourt. Uma mulher melancólica durante a revolução.

ROUDINESCO, Elisabeth.

Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Coleção Gênero Plural.

A Revolução Francesa tem sido um dos temas mais freqüentados pela literatura produzida na França. Quando, em 1989, comemorou-se o bicentenário da revolução que deu origem a nossa história contemporânea, segundo uma periodização já consagrada mas nem por isso menos discutível, um conjunto expressivo de trabalhos foi produzido, muitos dos quais traduzidos quase simultaneamente no Brasil. Preocupado com a predominância de estudos que

chamou de revisionistas e reacionários, Eric Hobsbawm fez uma análise crítica dessa produção de 1989 e terminou seu *Ecos da Marselhesa*¹ resgatando o valor simbólico da Revolução que inaugurou a luta, que ainda hoje estaria inacabada, pela liberdade e pela igualdade entre os homens e as nações.

Dentre os trabalhos que retomaram, mesmo que de forma indireta, a revolução emblemática de 1789 está o de Elisabeth Roudinesco, *Théroigne de Méricourt*. Uma mulher melancólica durante a Revolução, também publicado em 1989, mas que só agora chega ao Brasil. O objeto de investigação da autora é a história de uma mulher também emblemática que participou dos primeiros momentos daquela que foi considerada a "mãe" de todas as

¹ Eric Hobsbawm. *Ecos da Marselhesa*. Dois séculos revêem a Revolução Francesa. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. A 1ª edição é de 1990.

revoluções sociais e acabou identificada às origens do feminismo e à luta pela igualdade entre os sexos.

Mas é preciso cuidado com essa primeira e rápida impressão. Pois apesar do inegável engajamento político de Théroigne, e do peso que Roudinesco confere a ele, esse livro não se filia de forma direta à corrente defendida por Hobsbawm, embora não se afaste completamente dela. Não se insere tampouco no conjunto de estudos psicanalíticos que individualizam seus personagens e os fazem presas de suas histórias particulares. A busca do equilíbrio entre essas duas abordagens é a primeira qualidade a ser apontada no trabalho e talvez se explique pela história da própria autora, que de integrante do Partido Comunista passou a estudar literatura e psicanálise. Roudinesco consegue entrelaçar trajetória pessoal e conjuntura política de forma consistente e articulada, nos revelando uma história não só das conquistas da Revolução Francesa, mas também de suas dores e custos.

Théroigne de Méricourt nasceu Anne-Josèphe Terwagne, em Marcourt, região de fronteira entre a França e a Bélgica, em agosto de 1762. Filha de uma família de antigos camponeses proprietários que paulatinamente empobreceram e se desfizeram de seus bens, marcando um dos processos mais importantes e estudados da Revolução Francesa², Anne-Josèphe perdeu a mãe quando tinha apenas cinco anos de idade. Enviada para a casa de uma tia, em Liège, foi em seguida internada em um convento. Novamente recolhida pela tia, tornou-se sua criada e acabou voltando para Marcourt, para juntar-se ao pai e aos irmãos. Na aldeia de origem encontrou o pai casado com aquela que foi uma verdadeira madrastra de contos infantis, situação que, associada às crescentes dificuldades financeiras por que passava a família, a fez abandonar a casa paterna. Aos treze anos Anne-Josèphe deu início a uma vida errante pela casa de parentes e trabalhou como vaqueira, governanta de crianças e dama de companhia.

Foi a partir dessa última ocupação que a vida de Anne-Josèphe começou a mudar. Sua patroa se afeiçoou pela futura Théroigne, a ensinou a ler, a fez estudar canto e música, a fez sonhar com a riqueza e a fama. Aos vinte anos,

² Um trabalho clássico sobre os limites da Revolução Francesa no campo em face da adesão camponesa ao princípio da propriedade individual é *Les Paysans du Nord Pendant la Revolution Française*, de George Lefebvre, 1924.

já tentando dar início a uma carreira de cantora para a qual não tinha o menor talento, conheceu um oficial da infantaria inglesa que lhe prometeu o luxo e o sucesso em Paris. Apaixonada, tornou-se sua amante e começou a abandonar definitivamente sua vida camponesa e miserável para se deslumbrar e se desiludir com os homens e com a fama. Foram dez anos de ascensão e queda em Paris, onde entrou pela porta dos fundos. Frequentou a boemia literária, que para alguns autores foi o verdadeiro celeiro das idéias dos filósofos enciclopedistas³, conheceu outros homens e se estabeleceu como uma “mulher galante, orgulhosa e misteriosa”, sustentada pela renda que, generosamente, lhe deixara o oficial inglês.

Essa rápida biografia de Anne-Josèphe nos revela uma sociedade já permeável à mobilidade social, possível através do enriquecimento e da construção de uma aparência de respeitabilidade comprada pelo dinheiro e pela educação. A incorporação de modos, trejeitos, gostos e comportamentos eliminava, paulatinamente, a necessidade da linhagem e tornava possível o sonho de pertencer à sociedade de corte do Antigo Regime. Anne-Josèphe esteve em Londres, conviveu com a alta sociedade de algumas cidades italianas e conquistou, em Paris, o direito de frequentar os lugares públicos e espetáculos prestigiados pela nobreza. Mas nada disso a livrou das maledicências provocadas por sua vida intensa e por não ter conseguido um casamento que lhe desse um nome respeitável, já que não o tinha de nascimento. Talvez por isso tenha se apresentado de diferentes maneiras antes de se tornar Théroigne de Méricourt. Foi Madame do Campinado, nome de sua família materna austríaca, Anna Gioseppa Le Compte, nome que assinou no contrato que fez com um *castrato*⁴ para a administração de seus bens e por quem foi, novamente, enganada, e “viúva de um coronel inglês”.

Théroigne de Méricourt, nome que faria de

³ Ver a respeito DARTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução*. O submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

⁴ Cantores que eram castrados ainda meninos, pois se acreditava que, assim, poderiam manter um timbre de voz extremamente valorizado nas cortes européias. Esses personagens criados pelo Antigo Regime foram objeto de inúmeros estudos, livros e filmes, sempre realçando seus aspectos bizarros e grotescos. Para uma análise, ver BARBIER, Patrick. *História dos Castrati*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

Anne-Josèphe uma personagem da Revolução Francesa, foi cunhado por seus detratores e decorre de um galicismo que juntou Terwagne, nome de sua família paterna, com a corrutela de seu lugar de nascimento, Marcourt. Nasceu, portanto, de forma desrespeitosa e só depois que Anne-Josèphe adentrou o mundo da política - e este é o aspecto talvez mais discutível da abordagem de Roudinesco.

Não é possível compreender exatamente como Anne-Josèphe se tornou Théroigne de Méricourt. O processo que transformou aquela mulher que convivia com a sociedade de corte em defensora da liberdade e do que a autora chama de **feminismo original** só pode ser entendido por um voluntarismo instintivo que prioriza o individual e fragiliza a articulação entre o personagem e seu tempo. O engajamento espontâneo de Théroigne na luta pela igualdade entre homens e mulheres é tomado como reflexo quase evidente de uma vida de dificuldades, humilhações, doenças e sofrimentos, fazendo da antiga camponesa uma verdadeira precursora da luta feminista que teria começado junto com a revolução. Segundo Roudinesco, Théroigne "não era uma teórica ativa nem refletia o primeiro feminismo. Mas o encarnou espontaneamente, na medida em que se conscientizou de sua situação de mulher e ao mesmo tempo reivindicou sua liberdade, associando-a ao projeto igualitário da Revolução"⁵. Apesar de advertir que a palavra **feminismo** só seria inventada em 1837, a autora não deixa de usar o termo para fazer uma verdadeira tipologia do feminismo revolucionário: de **original** teria passado a **teórico**, até se tornar **guerreiro** e, finalmente, **radical**.

A periodização e os principais projetos de cada uma dessas fases acompanharam o desenrolar da própria revolução entre 1789 e 1793. A trajetória de Théroigne, depois de seu engajamento político, também. Passados os primeiros momentos de empolgação, sua vida seguiria o curso das antigas e conhecidas delusões. Detratada de todas as maneiras pelos monarquistas, hostilizada muitas vezes pelos próprios revolucionários, acabou optando por um exílio voluntário e voltou a Marcourt em 1791. Marcada pelo envolvimento com a revolução, foi presa e acusada de conspiração contra o imperador Leopold. Sem provas suficientes, Théroigne foi posta em liberdade e acabou voltando a Paris em 1792.

Segundo Roudinesco, foi na prisão que

Théroigne demonstrou seus primeiros sinais de "perturbação moral". Esse estado só fez piorar depois de sua volta a Paris. Vestida de amazona, chegou a freqüentar o Clube dos Jacobinos; defendeu o armamento de mulheres e foi para as ruas recrutando cidadãos para formar milícias. 1792 foi o auge de sua ascensão política. 1793 marcaria seu declínio definitivo. Denunciada como agitadora e desordeira pelos próprios revolucionários que não toleravam seus métodos e projetos, Théroigne foi acusada de usar o nome de Robespierre sem autorização e açoitada em praça pública.

Théroigne jamais se recuperaria dessa humilhação. Um ano depois, bastante perturbada emocionalmente, teve sua tutela reivindicada pelo irmão e em 1795 foi internada pela primeira vez. Depois de várias transferências foi para a Casa das Loucas da Salpêtrière, fundada por Philippe Pinel, onde morreu em 1817. A explicação para a loucura de Théroigne opôs, teoricamente, Pinel a um de seus maiores discípulos, Esquirol. Roudinesco analisa as teses dos dois alienistas a partir das diferentes vivências que cada um dos dois teve em relação à revolução. Pinel fora da última geração dos filósofos das Luzes, entusiasta de 1789 e contrário à execução do rei em janeiro de 1793. Esquirol tinha 21 anos quando o terror jacobino tomou a cena política, vinha de uma família de adeptos dos monarquistas e politicamente aderiu ao modelo de monarquia constitucional que novamente se avizinhava. Estas duas leituras da forma de organização da política e do mundo tiveram papel importante nas diferentes elaborações teóricas que fizeram da doença mental.

Pinel, que elaborou sua teoria da alienação entre 1790 e 1800, foi o primeiro cientista a incorporar a loucura ao saber médico, mas era ainda um teórico da alma e das paixões. A visão ambígua da revolução - libertadora e criativa, de um lado, nefasta e perigosa quando radical, de outro - apareceu em sua percepção sobre a loucura, que chamou "restos de razão", fruto de excessos e descontroles causados antes por defeitos morais que físicos. Mas se não há dúvida que Pinel fez da loucura uma doença específica, só tratável por meios também específicos, Esquirol foi o responsável pelo aprofundamento dessa especialidade. Cientista do século XIX, deu início à catalogação das doenças de acordo com o clima, a idade, o sexo, o tipo físico e o temperamento. O aspecto moral perdia, assim, qualquer sentido. Ganhava força o conhecimento e a classificação detalhada de cada parte do corpo do doente, da anatomopa-

⁵ Cf. p. 59.

tologia até a autópsia. A necessidade de separação das partes do corpo se fez acompanhar da separação do corpo doente da sociedade em espaços asilares, em tempo de reorganização política da França, fase da restauração monárquica: um rei, um povo, uma religião, uma só ordem.

Os relatos mais detalhados que temos da doença de Théroigne nos foram deixados por Esquirol. Suas observações, redigidas em 1820 e publicadas em 1838, espelharam bem não só a interpretação do discípulo de Pinel sobre a revolução, como o estágio da medicina no estudo das doenças mentais. A relação de Théroigne com a revolução foi vista como sinal de um duplo desvio: a adesão a um projeto que desvirtuava os valores da civilização fora agravada pela utilização do erro em proveito próprio. Adotando a interpretação monarquista mais reacionária e conservadora, Esquirol fez de Théroigne uma cortesã jacobina, libertina, que "faleceu, aos cinquenta e sete anos, sem que tenha dado mostras, em nenhum instante, de ter recobrado a razão"⁶.

A famosa amazona revolucionária, como acabou chamada por seus admiradores, ou a delirante libertina, como fizeram dela seus críticos, estão, ambas, bem definidas no trabalho de Elisabeth Roudinesco. Mais que simplesmente contar a história dessa mulher extraordinária, a autora nos revela com sensibilidade e através de vasta documentação e discussão bibliográfica o tortuoso processo de construção de cada um desses diferentes retratos de Théroigne de Méricourt. Ao buscar relacionar personagem e

história, Roudinesco traça um rico painel da França revolucionária, nos deixando ver como, de diferentes maneiras, esse evento paradigmático marcou de forma definitiva a história política, a história da cultura e até mesmo a história da ciência do mundo contemporâneo.

Por tudo isso, o trabalho de Roudinesco está longe daqueles que Hobsbawm chamou de revisionistas. Aprofundando o estudo da vida de uma personagem, a autora nos fornece mais uma chave importante para o conhecimento desse evento fundador e simbólico de luta pela liberdade. Ao vasculhar as entranhas da vida de Anne-Josèphe e de sua sofrida transformação em Théroigne de Méricourt, a autora nos conta um pouco dos percalços desse grande projeto político originariamente revolucionário e consumadamente liberal, desvendando os caminhos percorridos pelas mulheres nessa longa marcha em busca da igualdade. Acossada por monarquistas e revolucionários, Théroigne seguramente pagou um preço alto por ser mulher e revolucionária. Se é possível discutir suas convicções revolucionárias e a clareza de seus princípios, não resta dúvida de que, por razões que talvez nunca conheçamos completamente, a amazona de Marcourt expôs sua vida em nome de uma causa. Por tudo isso, *Théroigne de Méricourt*. Uma mulher melancólica durante a Revolução é, ao mesmo tempo, uma história da revolução e uma história das mulheres; a história de uma luta e de suas dificuldades; a história de um emblema e de algumas de suas faces.

⁶ Cf. p. 193.